

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE URBANA DA PAISAGEM DO PEDESTRE NO ENTORNO DO HOSPITAL TRAMANDAÍ

Autores: SILVA, Bruna Oliveira Lopes*; CARDOSO, Bianca Breyer
Orientadora: Prof. Ms. Bianca Breyer Cardoso - ULBRA Campus Torres

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra o projeto "Inserção Urbana de Estabelecimentos de Saúde no Litoral Norte do RS", e toma o Hospital Tramandaí, situado no município gaúcho homônimo, para analisar a relação que equipamentos de saúde estabelecem com seu entorno, do ponto de vista da estrutura urbana e também das práticas cotidianas. A despeito da reconhecida importância como equipamento de atendimento ao público (LABASSE, 1982) e da rigorosa normatização arquitetônica (ANVISA, 2002; BRASIL, 2014; ABNT, 2015), está o fato de que hospital é, raramente, analisado do ponto de vista urbanístico. Motivo pelo qual as relações entre interior e exterior, sintetizadas pelo diálogo entre quarteirão e cidade, são praticamente inexploradas.

OBJETIVOS

Após confirmar, em sua primeira fase, que o Hospital Tramandaí se solidifica como importante polo gerador de centralidade ao nível da estrutura, visto de cima, principalmente por configurar um núcleo ao atrair outras atividades de saúde (SPARREMBERGER et al, 2015), o projeto objetiva, agora, aprofundar o entendimento de seu impacto ao nível do chão. Preliminarmente, supõe-se que tende a gerar transtornos pelo grande porte e pelas dificuldades de acessibilidade. A fim de confirmar tal hipótese, busca acurar as ferramentas de avaliação (TOLEDO, 2008), objetivando analisar como este equipamento conforma a denominada "paisagem do pedestre" em suas imediações, avaliando a qualidade da mesma, segundo os critérios estabelecidos por Jan Gehl (2015).

METODOLOGIA

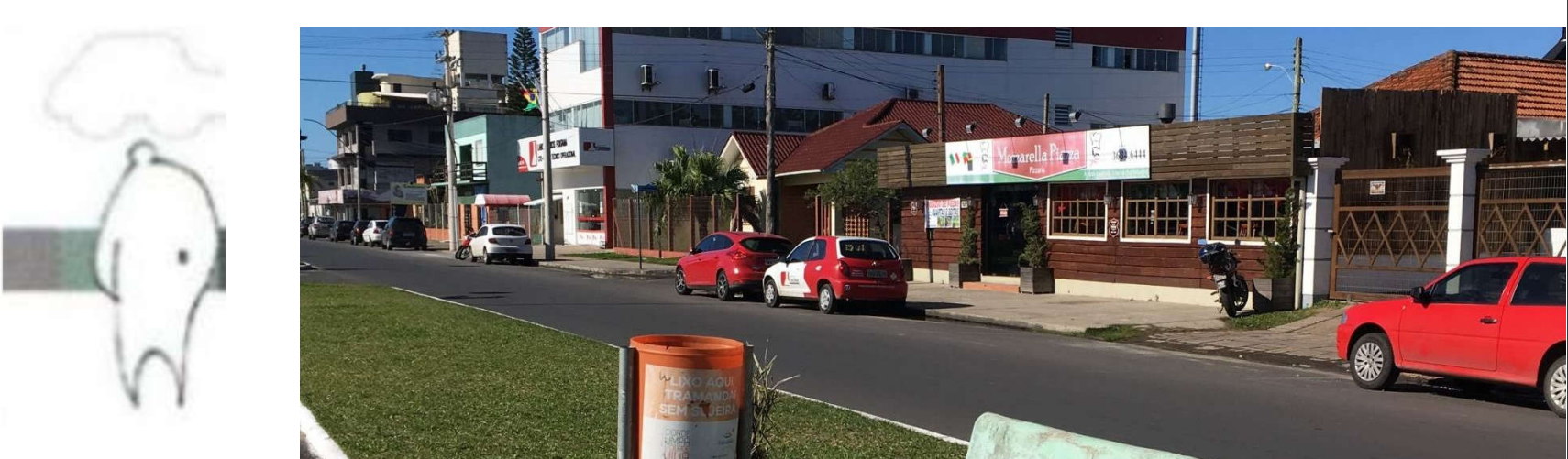
Como método, através de levantamento fotográfico do entorno do hospital, aplica os 12 critérios de qualidade da paisagem do pedestre subdivididos em proteção, conforto e bem-estar, classificando-os em bom, mediano e ruim, segundo escala utilizada por Baptista (2015) em estudo análogo. Para Gehl, é fundamental que os espaços públicos garantam (i) proteção ao pedestre, contra riscos, insegurança, influências sensoriais desagradáveis, aspectos negativos do clima. Devem, ainda, oferecer (ii) conforto e atrair as pessoas para as mais importantes atividades (caminhar, permanecer, sentar, olhar, conversar, ouvir). Finalmente, devem proporcionar (iii) bem-estar, ao garantir uma boa escala humana, oportunidades para aproveitar os aspectos positivos do clima e fornecer experiências sensoriais agradáveis.

○ bom ◐ mediano ● ruim

RESULTADOS

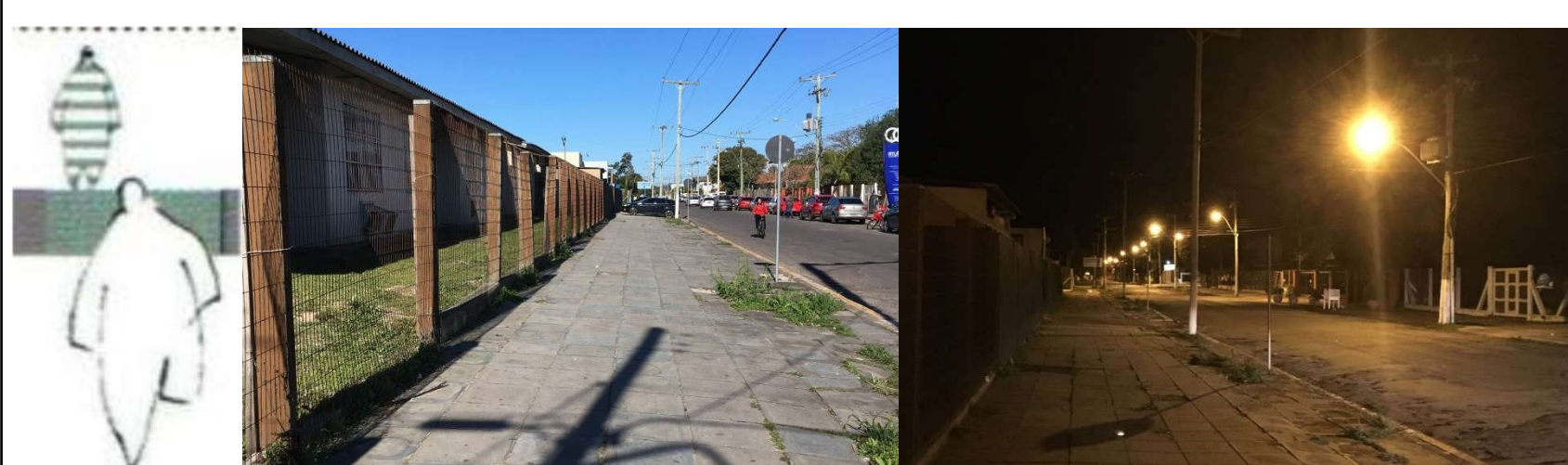
PROTEÇÃO

1. PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO E ACIDENTES – SENSACÃO DE SEGURANÇA



Possui separação entre o tráfego de pedestres, ciclistas e automóveis, sendo o último predominante. A travessia de pedestres nas vias não é devidamente sinalizada e priorizada. ◐

2. PROTEÇÃO CONTRA O CRIME E A VIOLÊNCIA – SENSACÃO DE SEGURANÇA



Durante o dia há sensação de segurança proveniente do fluxo de pessoas pela proximidade com o centro e uso dos equipamentos de saúde. A noite a iluminação pública é boa, mas a ausência de usos múltiplos, especialmente o residencial, gera insegurança. ◐

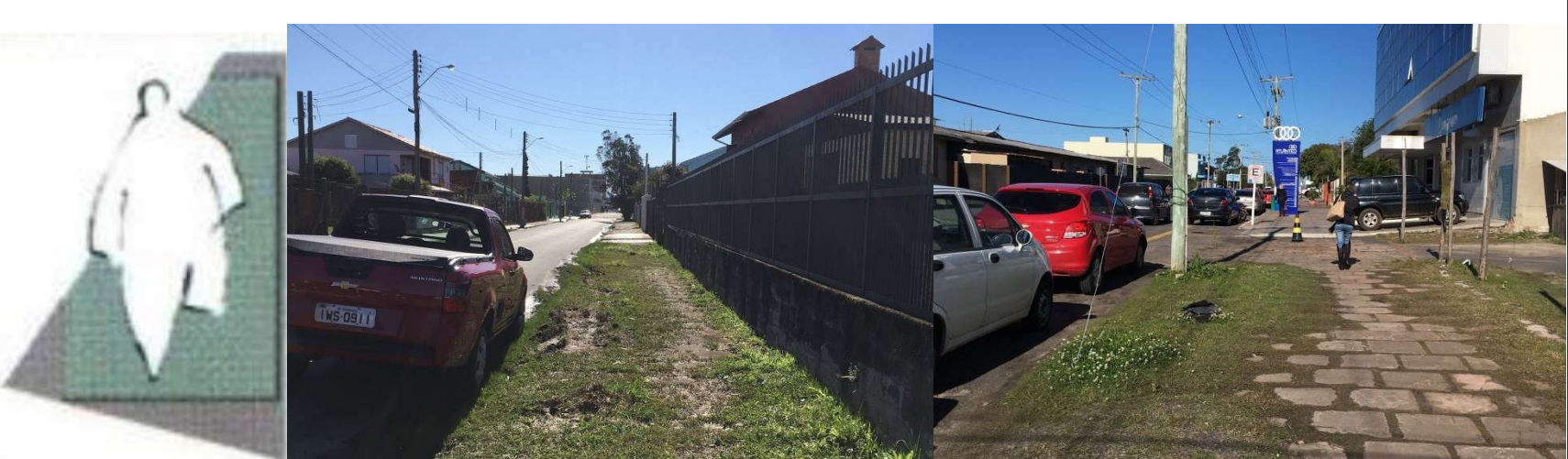
3. PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS



Não existem áreas no entorno ou no passeio público que ofereçam proteção contra a chuva, sol, vento, poeira, ruído ou poluição. Espaços amplos, com predominância de ventos. ●

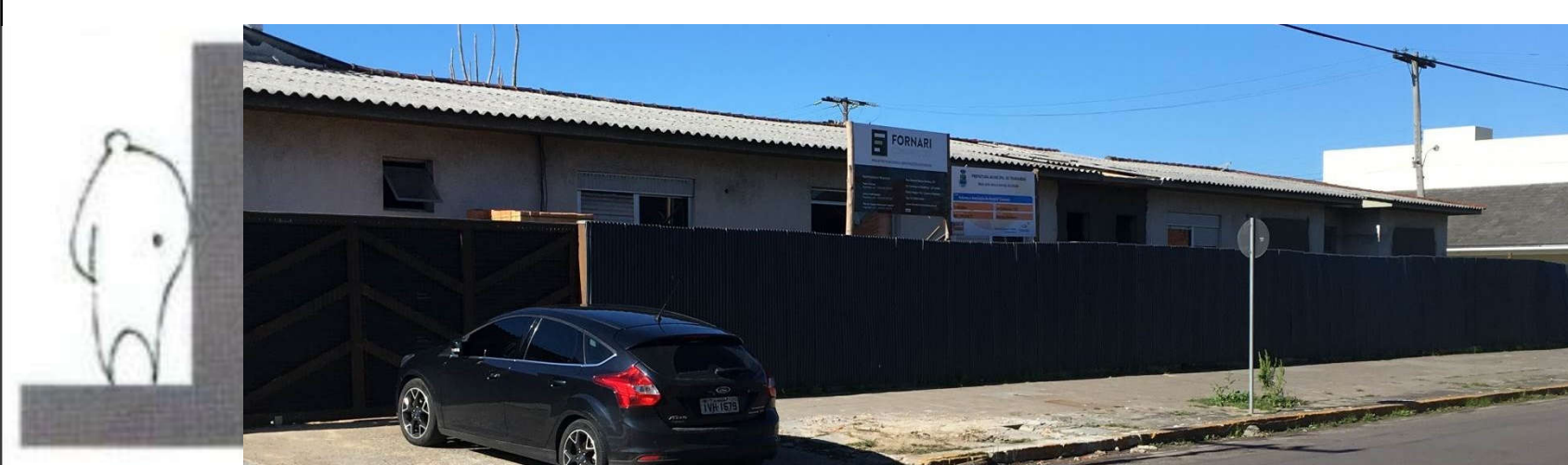
CONFORTO

4. OPORTUNIDADES PARA CAMINHAR



Existe um passeio público, mas ele não oferece boas condições de acessibilidade. As fachadas, sobretudo as do hospital, se apresentam fechadas e não oferecem boa interface com o espaço público, tendo pouquíssima interação com os pedestres. ●

5. OPORTUNIDADES PARA PERMANECER EM PÉ



Não há nenhuma previsão de espaços de permanência ou acolhimento. Pelo contrário, as adjacências apresentam elementos que repelem as pessoas, a exemplo do tapume, que também restringe o espaço de circulação. ●

6. OPORTUNIDADES PARA SENTAR-SE



Existe mobiliário urbano que promove oportunidades para sentar, mas não oferece boa ergonomia e está exposto a experiências sensoriais desconfortáveis, desprotegido do clima e mal distribuído. ◐

BEM-ESTAR

7. OPORTUNIDADES PARA VER



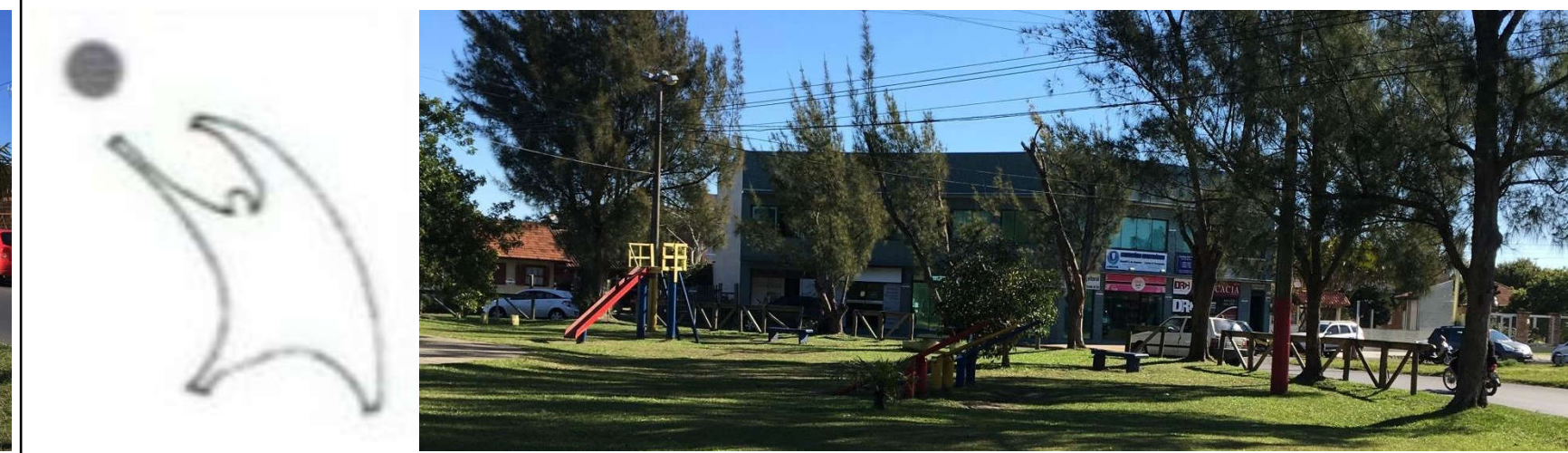
O entorno possui distâncias razoáveis de observação e linhas de visão desobstruídas, ainda que não ofereça vistas muito interessantes, seja pela ausência de belezas naturais ou edificadas. ◐

8. OPORTUNIDADES PARA OUVIR E CONVERSAR



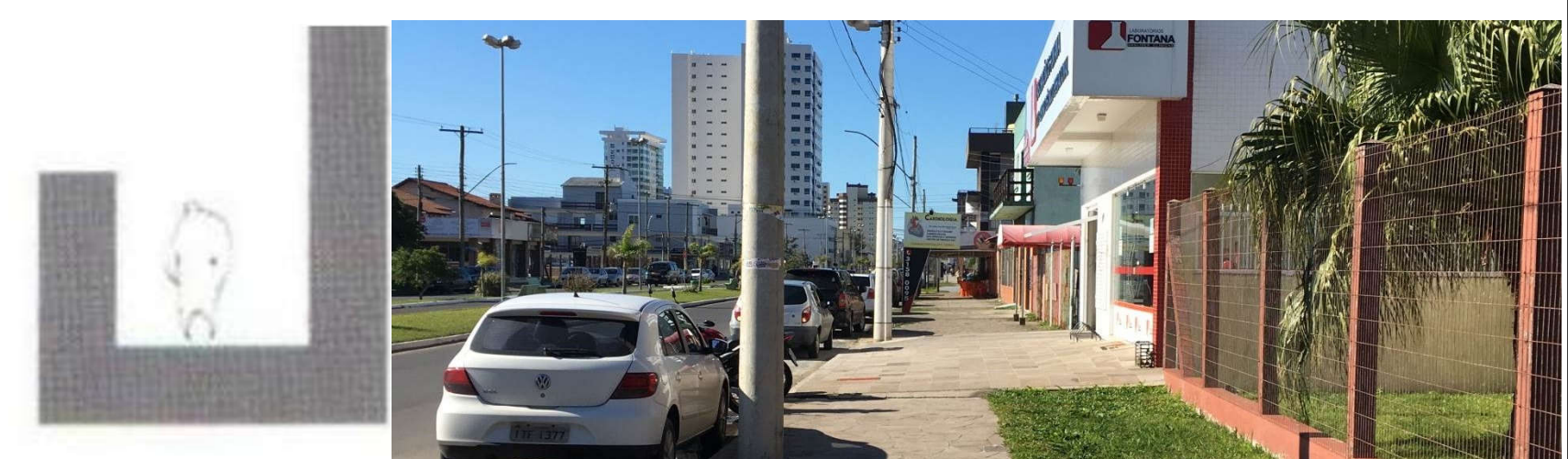
A disposição do mobiliário urbano permite a conversa, ainda que não a estimule através de seu desenho. Porém, o alto nível de ruído acaba por inviabilizá-la. ◐

9. OPORTUNIDADES PARA BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA



Há no entorno a delimitação de um espaço para brincar, com mobiliário urbano específico e equipamentos de atividades físicas. ○

10. ESCALA



A escala das edificações no entorno está de acordo com a escala humana, assim como a proporção do espaço aberto, contudo a interface e as zonas de transição não são adequadas ao pedestre. ◐

11. OPORTUNIDADES DE APROVEITAR OS ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA



A posição do mobiliário permite aproveitar a sombra, o sol e o calor, apesar de o mesmo estar sujeito ao vento, implicando no desconforto em dias frios. ◐

12. EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS



Há ciclovias e pequenas praças com playground no entorno. Porém, faltam estímulos estéticos, pela ausência de mobiliário urbano criativo e inspirador, bem como pelas fachadas cegas do hospital. ◐

CONCLUSÕES PARCIAIS

A avaliação do quesito proteção, indica que a paisagem do pedestre no entorno do Hospital Tramandaí apresenta proteção mediana quanto ao tráfego e à violência, sobretudo pela falta de sinalização das travessias de pedestre e pela vulnerabilidade noturna devida à ausência de moradores. Já a proteção contra experiências sensoriais desagradáveis é ruim, pela exposição ao clima e intempéries. Quanto ao conforto, oferece condições ruins de acessibilidade, principalmente pela irregularidade dos passeios, e repele a permanência em pé em suas adjacências. Ainda que ofereça oportunidades para sentar, ver e conversar, são afetadas pela má ergonomia do mobiliário, visuais pouco atrativas e ruído. Há boas oportunidades para brincar e praticar atividades físicas.

Por fim, em relação ao bem-estar, a escala das edificações no entorno é adequada à escala humana, há oportunidades para aproveitar aspectos positivos do clima, porém faltam estímulos estéticos, pela ausência de mobiliário urbano criativo e inspirador, bem como pelas fachadas cegas do hospital, que se constituem como interface pouco amigável para o pedestre. Sendo assim, conclui-se que a qualidade da paisagem do pedestre no entorno do Hospital Tramandaí constitui-se em escala mediana/ruim, confirmando as supostas dificuldades de acessibilidade, mas revelando, sobretudo, a falta de diálogo do edifício hospitalar com a rua e pouco acolhimento ao pedestre em suas adjacências, apesar da existência de áreas verdes em seu entorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050**: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificação, espaço mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.
ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC Nº 50, de 21 de fevereiro de 2002. **Diário Oficial da União**, nº 35, 21 de fevereiro de 2002. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2002/res0050_21_02_2002.html>. Acesso em: 14 set. 2015.
BAPTISTA, I.B. Os 12 critérios de qualidade propostos por Jan Gehl identificados em elementos de configuração espacial: análise crítica e reproposição. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2015.
BRASIL. Ministério da Saúde. **SOMASUS**. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/somasus>>. Acesso em: 04 de setembro de 2014.
GEBL, J. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: perspectiva, 2015.
LABASSE, J. **La ciudad y el hospital**: geografía hospitalaria. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1982. (Nuevo urbanismo; n. 36)
SPARREMBERGER et al. **Arquitetura e Urbanismo No Litoral Norte do RS**: Análise da Inserção Urbana de Hospitais Gerais. XIII Salão de Iniciação Científica EXPOULBRA Torres 2015.
TOLEDO, L. C. M. **Feitos para Curar** - arquitetura hospitalar e processo projetual no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-ProArq, 2002 (Dissertação de mestrado).
_____. **Feitos para cuidar**: a arquitetura como um gesto médico e a humanização do edifício hospitalar. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-ProArq, 2008 (Tese de doutorado).

>> Endereço eletrônico do autor principal:

bruna.arq@outlook.com.br